

REVER

REVISTA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO

PEPG em Ciência da Religião
Pontifícia Universidade Católica / SP

Instituto de Estudos de Religião
Universidade Católica Portuguesa

RELIGIO E SUAS ARQUITETURAS

Eulálio Figueira (PUC-SP)
Fernando Torres-Londoño (PUC-SP)
Maurício G. Righi (PUC-SP)

Alexandre Leone
Atilla Kus
Bruna Krimberg Von Mühlen
Ceci Maria Costa Baptista Mariani
Célia Maria Ribeiro
Donizete José Xavier
Ênio José da Costa Brito
Eulálio Figueira
Fábio L. Stern
Fernando de Oliveira Amorim
Fernando Torres-Londoño
Gabriele Serur Correio
Inês Granja
João Manuel Duque
José Pereira Coutinho
Josinaldo Sousa De Queiroz
Karla Leandro Rascke
Mary Rute Gomes Esperandio Correio
Maurício G. Righi
Paulino de Jesus Francisco Cardoso
Priscila Gusmão de Andrade
Rafael da Gama
Renate Brigitte Michel Correio
Rômulo Luiz Xavier do Nascimento

VOLUME 19 Nº1 JAN/ABR 2019
ISSN 1677-1222



Creative Commons 2019

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Editores:	Frank Usarski (PUC-SP) Wagner Lopes Sanchez (PUC-SP) Alfredo Teixeira (UCP)
Comissão de redação:	Edin Sued Abumanssur (PUC-SP) José Carlos Miranda (UCP) Maria José Rosado Nunes (PUC-SP) Pedro Braga Falcão (UCP)
Conselho científico:	Adone Agnolin (USP, Brasil) Alberto da Silva Moreira (PUC-Goiás, Brasil) Bettina Schmidt (Universidade de Bangor, Reino Unido) Elaine Moura da Silva (UNICAMP, Brasil) Gustavo Benavides (Universidade de Villanova, EUA) Hirochika Nakamaki (Museu Nacional de Etnologia, Japão) Jacob A. Van Belzen (Universidade de Amsterdã, Países Baixos) James Heisig (Nanzan Institute for Religion & Culture, Japão) Joanildo Burity (Universidade de Durham, Inglaterra) Marcelo Ayres Camurça Lima (UFJF, Brasil) Michel Despland (Universidade de Concordia, Canadá) Paulo M. Pinto (Un. Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal) Roberto Mouro Cortez Motta (UFPE, Brasil) Steven Engler (Mount Royal University, Canadá)
Equipe técnica:	Fábio L. Stern (produção editorial e diagramação) Robert Rautmann (revisão técnica) Rodrigo Wolff Apolloni (copidesque)
Nominata de avaliadores:	Alex Villas Boas (PUC-PR) Alfredo Teixeira (UCP) Alzirinha Rocha de Souza (UNICAP) Andrea Serrato (PUC-PR) Antônio Manzatto (PUC-SP) Babrizio Boscaglia (U. Lusófona) Camila Mendonça Torres (USP) Carmen Junqueira (PUC-SP) Claudio Santana Pimentel (autônomo) Edivaldo José Bortoleto (UNOCHAPECÓ) Ênio José da Costa Brito (PUC-SP) Fábio L. Stern (PUC-SP) Gilbraz Aragão (UNICAP) Helio Hirao (UNESP) João Bosco Fernandes (PUC-Minas) João Henrique Hansen (CU São Camilo) João Manuel Duque (UCP) José Carlos Pereira (PUC-SP) Luiz Carlos Luz Marques (UFP) Maria Cecília Domezi (CEUCLAR) Osiel Carvalho (IFSC) Rafael Shoji (autônomo) Robson Stigar (SEED-PR) Rosa Gitana Krob Meneghetti (UNIMEP) Suzana Pasternak (USP) Welder Lancieri Marchini (autônomo) Wellington da Silva Barros (ITESP)

REVER: Revista de Estudos da Religião / Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião (PUC-SP) / Instituto de Estudos de Religião (UCP) – v. 19, n. 1 (jan./abr.) 2019. São Paulo: PUC-SP, 2019.

Periodicidade quadrimestral

ISSN 1677-1222

REVER: Revista de Estudos da Religião é uma publicação quadrimestral resultante da parceria entre o PPG em Ciência da Religião da PUC-SP e o Instituto de Estudos de Religião da UCP. Ela é classificada como A2 no Qualis de sua Área de Avaliação. Seus objetivos são informar o leitor sobre a pesquisa corrente e propiciar uma discussão metateórica em torno da Ciência da Religião. Ao mesmo tempo, a REVER pretende servir de elo com a discussão acadêmica internacional, abrindo espaço para artigos de autores de outros países. Cada número da REVER apresenta uma **Seção temática** que reúne artigos sobre um assunto específico. Outros artigos incluídos na parte principal da revista estão na seção **Intercâmbio**. A seção **Subsídios** oferece texto úteis para o ensino universitário na área de Ciência da Religião. Em **Fórum** o leitor vai encontrar textos pontuais sobre temas diversos relacionados ao estudo das religiões. E a seção **Resenhas** apresenta resenhas de livros de interesse para a disciplina.

Sumário

- 7** Editorial

SEÇÃO TEMÁTICA

Fernando de Oliveira Amorim

- 9** A busca por relações de alteridade como manifestação do sagrado no espaço urbano do centro da cidade de São Paulo

Célia Maria Ribeiro & Donizete José Xavier

- 25** A função revelante da arquitetura religiosa moderna em São Paulo: o concreto aparente dos templos religiosos e sua simbólica do Sagrado

Eulálio Figueira & Rafael da Gama

- 43** Migração e arquitetura dos espaços sagrados: religião e arquitetura na “catedral” do migrante nordestino em São Paulo, a experiência da migração e a reconstrução do sentido no CTN

Fernando Torres-Londoño & Maurício G. Righi

- 61** Arquitetura do rito: território e identidade indígenas na selva de pedra

Karla Leandro Rascke & Paulino de Jesus Francisco Cardoso

- 79** Territórios do sagrado: três séculos de vivências diaspóricas na irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos de Florianópolis-SC

João Manuel Duque

- 101** Experiências do espaço e sagrados contemporâneos: breve leitura comparativa dos espaços arquitetônicos de Fátima e de Aparecida

Alexandre Leone

- 119** A sinagoga como espaço religioso e comunitário

Ceci Maria Costa Baptista Mariani & Atilla Kus

- 133** Arquitetura islâmica nas mesquitas e seus efeitos sobre os adeptos

INTERCÂMBIO

Renate Brigitte Michel, Mary Rute Gomes Esperandio & Gabriele Serur

- 147** É melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão: a temática da espiritualidade/religiosidade nos congressos de psicologia

167 *José Pereira Coutinho*
Minorias religiosas em Portugal

187 *Josinaldo S. Queiroz, Priscila G. Andrade & Rômulo L. X. Nascimento*
Ídolo, feitiço e pacto: a Inquisição portuguesa e a religiosidade centro-africana em Lisboa no século XVIII: o caso de Maria de Jesus

SUBSÍDIOS

203 *Bruna Krimberg von Mühlen*
O significado de ser judia para três gerações de mulheres do Rio Grande do Sul

221 *Ênio José da Costa Brito*
Da violência ao Apocalipse na obra de René Girard

FÓRUM

229 *Fábio L. Stern*
3º Seminário de Ciência da Religião Aplicada

RESENHAS

233 FUKUYAMA, Francis.
Identities: a exigência de dignidade e a política do ressentimento.



Editorial

Religio e suas arquiteturas

Sítios cerimoniais, funerários, rituais etc. precedem, em muitos milhares de anos, as primeiras edificações humanas arquitetonicamente elaboradas, a saber, construções em pedra, tijolos ou mesmo em madeira que sejam mais complexas que meras choupanas ou palhoças. No caso, alguém dirá que a arte/técnica da edificação se relaciona, e de modo um tanto sincrônico, com o que viemos a conceber – ainda que duvidosamente – por civilizações. Falamos das primeiras civilizações do Oriente Antigo. A associação direta entre espaços urbanos e civilização tornou-se um clichê histórico duradouro, hoje devidamente problematizado. Em nosso caso, interessa-nos uma primeira observação: em sumério, o idioma dos mais antigos construtores de cidades de que temos notícia, o termo que designava uma “morada” qualquer, uma construção, como no caso de uma casa ou edificação, era o mesmo que designava um “templo”: [É], mais precisamente E-KAL ou E-KUR, “casa grande” e “casa na montanha”, respectivamente, e que confere tanto o sentido de templo quanto o de santuário. Com efeito, o templo era compreendido como morada de uma divindade ou divindades, o lugar de habitação do divino, onde este manifestava-se e deliberava. Igualmente, hebreus, fenícios e gregos, entre outros, associavam a manifestação do divino a uma morada exclusiva, um lugar especial habitado por deuses/deusas, o repositório exclusivo de alteridades fundadoras. A morada do deus podia, inclusive, mover-se, como no caso clássico do Tabernáculo dos israelitas, sugerindo-nos assim uma conceituação sofisticada de arquiteturas religiosas. Nesse sentido, esse tipo de recinto, ritual e mitologicamente concebido, extrapola uma eventual edificação ou fixação, uma vez que sua arquitetura é – em primeiríssimo lugar – cerimonial.

Isso posto, podemos então apresentar esta edição da REVER, em que se discute algumas “Arquiteturas Religiosas” em certas vivências de nosso ambiente cultural mais próximo, em recorte contemporâneo e largamente nacional, embora não apenas nacional. Trata-se de temática ambiciosa, na medida em que nela a “*Religio*”, conceito absolutamente problemático, não obstante fascinante, é examinada ou mesmo contemplada mediante seu *chorus*, seu *topos* historicamente estabelecido. Com efeito, os variados *topoi* aqui contemplados remetem a distintos modelos de arquiteturas religiosas, as quais se fazem estruturalmente diversas, funcionalmente diversas, formalmente diversas, ainda que igualmente unidas na religiosidade do humano, na necessidade que este tem de intuir, criar e preservar centros cerimoniais ou rituais – este é o sentido mais basililar de arquitetura aqui usado.

Temos assim, no artigo de Fernando Amorim, numa compreensão da *religio* em sua manifestação no centro urbano da cidade de São Paulo, uma introdução a essa *tipofilia*, geradora de arquiteturas diversas. Nesse mesmo contexto urbano, Célia M. Ribeiro e Donizete J. Xavier defendem, em análise ricoueriana, a função revelante da arquitetura

moderna, mostrando como a experiência religiosa, em seu desejo de infinitude, é bem acolhida nos amplos e arejados espaços da arquitetura brutalista. Ainda caminhando em território paulistano, *topos* de inúmeras tradições e sincretismos, dispomos de mais dois artigos significativos: Eulálio Figueira e Rafael da Gama analisam a presença marcante da religiosidade do migrante nordestino na cidade de São Paulo, em arquitetura e composição próprias, e o fazem num estudo de caso: o Centro de Tradições Nordestinas e sua Capela. Fernando Torres-Londoño e Maurício G. Righi aproximam-se do drama dos povos originários em espaços urbanos, especialmente em São Paulo, percebendo que pelo rito e no rito, em sua arquitetura eminentemente corporal, os indígenas não só preservam sua identidade, mas criam novas formas de pertencimento religioso e social. Temos ainda, nesse âmbito de religiosidades fortemente marcadas pela resistência cultural, esteio permanente de identidades ameaçadas, o estudo de Karla L. Rascke e Paulino F. Cardoso, em que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, em Florianópolis SC, surge como paradigma de campo devocional diverso e libertador, em cujo ventre é gerado um novo território religioso, acolhedor de experiências diaspóricas. Nesse cadinho de elementos religiosos diversos, arquitetonicamente modelados, João M. Duque nos traz a presença marcante dos santuários, destinos de peregrinação religiosa, em dois estudos, Aparecida e Fátima, lugares em que não só o espaço interior, mas o também o exterior, é “transfigurado” no âmbito de sua singular sacralidade. No desfecho desse cenário de Arquiteturas Religiosas, temos dois artigos introdutórios, não obstante fundamentais, à compreensão de duas instituições importantíssimas, ainda que geralmente pouco conhecidas ou mesmo ignoradas em nosso ambiente cultural: falamos da sinagoga e da mesquita. Alexandre Leone nos oferece uma introdução didática – e muito bem-vinda – da sinagoga, pontuando suas diferenças com o templo e seu serviço religioso caracteristicamente público e laico. Ceci M. Mariani e Atilla Kus também enfatizam o papel da mesquita como centro religioso destinado às orações e reuniões comunitárias, remontando suas origens históricas e transformações.

Em seu *Dominion of the Dead* (2012), o professor de estudos clássicos Robert P. Harrison nos alerta para algo fundamental sobre as culturas humanas, mas que, em geral, nos escapa: a instituição do lugar (*topos*) – leia-se da morada dos deuses/antepassados heroicos – foi o que permitiu ao *sapiens* criar formas muito próprias de pertencimento, as quais alteraram a face natural do mundo. O lugar, a morada, o tabernáculo, etc. deram ao comportamento ritual humano a condição de criar inúmeras “arquiteturas”, estruturas complexas e distintas ao meio propriamente natural, ainda que neste inserido, obviamente. De fato, a *religio* transfigura o espaço em lugar, humanizando-o, a saber, dotando-o de sinal cultural.

Esperamos que a leitura deste número de REVER suscite nos leitores a reflexão e o debate acerca de tema tão importante e complexo não somente para a Ciência da Religião, como também para as demais disciplinas em Humanas.

Maurício G. Righi (doutor em Ciência da Religião pela PUC-SP)